

Resumo T1 da disciplina LES237 ESALQ/USP

Páginas iniciais de "Relativizando: uma introdução à antropologia social" de Roberto DaMatta.

Caio Romanini Furlan

Para explicar o título de seu livro, o antropólogo Roberto DaMatta revela seu pressuposto de que a Antropologia Social é uma disciplina científica na qual muito dificilmente podem haver certezas absolutas. O livro trata de apresentar e discutir a posição da Antropologia como uma *"leitura do mundo social"*, e não como um conjunto de regras ou axiomas definitivamente assentados. Em fugindo do absoluto, o autor propõe a ideia de "relativizar" como forma de abordagem para a antropologia, capaz de produzir adequadamente conhecimento sobre o exótico, o diferente, o outro.

Os esquemas teóricos do século XIX levam a pensar em futuro promissor, graças às descobertas tecnológicas. Porém hoje constatamos que na verdade os pensadores do passado estavam muito empolgados com o progresso. Com o passar do tempo, aprendemos *"o quanto é penoso e injusto sacrificar o presente por um futuro que não chega nunca"*. Com esta ideia, DaMatta sugere que a Antropologia Social nos ensina a desconfiar da volúpia humana pelo desenvolvimento tecnológico, tratando-se de uma crítica ao modelo desenvolvimentista ocidental, no qual a incessante corrida tecnológica visando um futuro supostamente melhor nos leva a esquecer do presente e da solidariedade social.

O homem enquanto ser social e cultural é complexo, não podendo ser visto pela tecnologia que inventou. Ao contrário do que se pensa, as maiores revoluções do século XX não foram no âmbito tecnológico, mas sim no âmbito intelectual, mostrando que a grande arma do homem sempre foi o intelecto, armazenando, distribuindo e fabricando informação. Neste sentido, a missão da antropologia consiste em estimular o intelecto a enxergar "o outro" de forma humilde e tolerante, a partir do profundo conhecimento dos seres humanos.

Escrito em linguagem acessível, o livro apresenta exemplos de estudos antropológicos brasileiros sem separar teoria e prática. Para o autor, a produção de conhecimento é uma das formas mais legítimas de atuação sobre o mundo.

DaMatta explica que é possível facilmente realizar experimentos com grande controle do ambiente nas chamadas ciências naturais, como física e química, o que não ocorre nas ciências sociais. Nas ciências naturais, é possível criar e repetir um experimento em laboratório, como uma estufa. Já nas ciências sociais, não se trata de reproduzir eventos, mas reinterpretá-los a partir das interpretações daqueles implicados. A matéria-prima do cientista social é constituída então por fenômenos complexos que não podem ser reproduzidos, como a revolução russa ou a proclamação da República do Brasil

Os resultados de estudos das ciências sociais são portanto complexos. Porém em geral os impactos gerados pelos estudos das ciências sociais são menores que os das ciências naturais e exatas, como a cura de uma doença ou uma nova arma. De todo modo, as interpretações dos cientistas sociais repercutem em muitos campos, como naquele das políticas públicas.

Nas ciências sociais, existe uma interação complexa entre o investigador e o investigado, “ambos situados numa mesma escala”, compartilhando o universo de experiências humanas. Nesta linha de raciocínio, convém destacar o desenvolvimento no último século o diálogo do cientista social com o “nativo” sobre sua teoria. Este plano comparativo favorável ao diálogo leva a um grande enriquecimento da análise. Desta forma, a principal diferença entre as ciências sociais e as ciências naturais “é essa possibilidade de dialogar com o nativo (informante) que permite ultrapassar o plano das conveniências preconceituosas interessadas em desmoralizar o ‘outro’. [...] É nesta avenida aberta pela possibilidade do diálogo com o informante que jaz a diferença crítica entre um saber voltado para as coisas inanimadas ou passíveis de serem submetidas a uma objetividade total (os objetos do mundo da ‘natureza’) e um saber, como o da Antropologia Social, constituído sobre os homens em sociedade.”

Como exemplo deste diálogo de saberes proposto no âmbito da antropologia, DaMatta menciona que, na nossa sociedade, os nomes são usados para individualizar a pessoa, distinguindo uma das outras. , Já na tribo dos Apinayé o nome é usado para unir a pessoa à uma certa classe ou função dentro da tribo. No caso da

tribo Sanumá, a função do nome de cada integrante é individualizar ao máximo, sendo secreto. Estes estudos de diferenças culturais permite conhecer a nossa cultura mais profundamente.

A atitude de diálogo entre pesquisador e informante certamente seria contestada por cientistas evolucionistas do século XIX, que consideravam que os povos ditos primitivos estavam atrasados em relação ao mundo moderno, o que daria o direito a este último de colonizar os povos primitivos em nome de um processo "civilizatório". De outra perspectiva, DaMatta defende uma troca igualitária de experiências humanas, através das quais o processo de aprendizagem e de civilização é mútuo.